

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



ARSÈNE
LUPIN

EO
ESTILHAÇO
DE OBUS

Tradução
Eric Heneault



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Éclat d'obus

Diagramação
Linea Editora

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Eric Heneault

Imagens
Potapov Alexander/shutterstock.com;
Vertyr/shutterstock.com;

Revisão
Karine Ribeiro

viewgene/shutterstock.com;
vadimmmus/shutterstock.com;
svekloid/shutterstock.com;

Produção editorial
Ciranda Cultural

alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e o estilhaço de obus / Maurice Leblanc ; traduzido por Eric Heneault. – Jandira, SP : Principis, 2021. 256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: L'Éclat d'obus ISBN: 978-65-5552-464-2
	1. Literatura francesa. I. Heneault, Eric. II. Título. III. Série.
2021-1333	CDD 840 CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

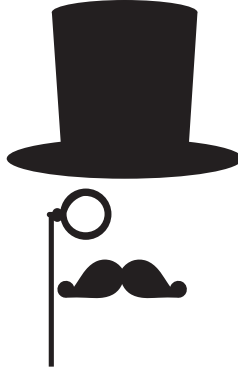
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Primeira Parte	7
Cometeram um crime	9
O quarto fechado	20
Ordem de mobilização	31
Uma carta de Élisabeth.....	46
A camponesa de Corvigny.....	59
O que Paul viu no Castelo de Ornequin	71
H.E.R.M.....	81
O diário de Élisabeth	94
Filho de imperador	105
Setenta e cinco ou cento e cinquenta e cinco?.....	116
Segunda Parte	125
Yser... miséria	127
O major Hermann	136
A casa do canoieiro.....	147
Uma obra-prima da <i>Kultur</i>	162
O príncipe Conrad se diverte	175
A luta impossível.....	189
A Lei do vencedor	203
O esporão 132.....	214
Hohenzollern.....	226
Duas execuções	240

PRIMEIRA PARTE



COMETERAM UM CRIME

– Se eu lhe contasse que me deparei com ele há muito tempo, em próprio território francês!

Élisabeth olhou Paul Delroze com a expressão de ternura de uma recém-casada para quem qualquer palavra do amado é motivo de deslumbramento.

– Você viu Guilherme II na França? – disse ela.

– Com meus próprios olhos, e sem que seja possível esquecer nenhuma das circunstâncias que marcaram esse encontro. E, no entanto, faz muito tempo...

Ele falava com repentina gravidade e como se a evocação dessa lembrança tivesse despertado nele os mais penosos pensamentos.

Élisabeth lhe disse:

– Quer me contar tudo isso, Paul?

– Vou lhe contar – respondeu ele. – Aliás, embora eu ainda fosse criança na época, o incidente está ligado de maneira tão trágica à minha própria vida que eu não poderia deixar de lhe contar com todos os detalhes.

Desceram. O trem parara na Estação de Corvigny, terminal da linha local que sai da capital regional, alcança o vale do rio Liseron e termina

seis léguas antes da fronteira, ao pé da pequena cidade lorena que Vauban¹ circundou, como disse em suas *Memórias*, em uma “das mais perfeitas meias-luas que se possam imaginar”.

A estação apresentava extrema animação. Havia muitos soldados e inúmeros oficiais. Uma multidão de viajantes, famílias burguesas, camponeses, operários, banhistas das cidades termas vizinhas que Corvigny servia esperavam na plataforma, no meio de um amontoado de malas, a partida do próximo comboio para a capital regional.

Era a última quinta-feira de julho, a quinta-feira que antecedeu a mobilização.

Élisabeth achegou-se ansiosamente ao marido.

– Ah, Paul – disse, estremecendo –, tomara que não haja guerra...!

– Guerra! Que ideia estranha!

– No entanto, todas essas pessoas indo embora, todas essas famílias que se afastam da fronteira...

– Isso não prova...

– Não, mas você mesmo leu no jornal há pouco. As notícias são muito ruins. A Alemanha está se preparando. Organizou tudo... Ah! Paul, se ficarmos separados...! E se então eu não souber mais nada de você... e se estiver ferido... e se...

Ele lhe apertou a mão.

– Não tenha medo, Élisabeth. Nada disso irá acontecer. Para que haja guerra, é preciso que alguém a declare. Ora, qual o louco, o odioso criminoso, que ousaria tomar essa abominável decisão?

– Não tenho medo – disse ela –, e até tenho certeza de que seria muito corajosa se você tivesse que ir embora. Contudo... contudo, seria mais cruel para nós que para muitos outros. Pense, meu querido, acabamos de nos casar esta manhã.

Diante da recordação desse casamento tão recente, e em que havia tantas promessas de profunda e durável alegria, seu lindo rosto claro, que

¹ Sébastien le Prestre, conhecido sob o nome de Vauban (163-1707), foi um engenheiro, urbanista e arquiteto militar francês. Desenvolveu um estilo de fortificação que leva seu nome. (N.T.)

iluminava uma auréola de mechas douradas, já sorria com o mais confiante dos sorrisos, e ela sussurrou...

– Casados esta manhã, Paul... então, você entende que minha provisão de felicidade não seja bem grande.

Houve um movimento na multidão. Todo mundo se agrupou ao redor da saída. Era um general, acompanhado por dois oficiais superiores, que se dirigia para o pátio onde um carro esperava. Ouviu-se uma música militar: na avenida da estação passava um batalhão de caçadores a pé. Então passou, conduzida por artilheiros, uma parelha de dezesseis cavalos que arrastava uma enorme arma de cerco cuja silhueta, apesar do peso da carreta, parecia leve graças ao extremo comprimento do canhão. Foi seguida por uma boiada.

Com as duas sacolas de viagem em mãos, Paul, que não achara carregadores, permanecia na calçada quando um homem com polainas de couro, vestindo uma calça de veludo verde grosso e um paletó de caça com botões de chifre, aproximou-se dele e, tirando seu boné:

– Sr. Paul Delroze, não é? Sou o caseiro do castelo...

Tinha um rosto enérgico e franco, a pele enrijecida pelo sol e o frio, cabelos já grisalhos, e o ar um tanto rude que têm certos velhos criados cuja função lhes proporciona completa independência. Havia dezessete anos que ele habitava e dirigia para o conde de Andeville, o pai de Élisabeth, a vasta propriedade de Ornequin, acima de Corvigny.

– Ah, você é o Jérôme! – exclamou Paul. – Muito bem. Vejo que recebeu a carta do conde de Andeville. Nossos criados chegaram?

– Os três, hoje de manhã, senhor, e nos ajudaram, a mim e a minha mulher, a pôr um pouco de ordem no castelo para receber o senhor e a senhora.

Cumprimentou de novo Élisabeth, que lhe disse:

– Então, está me reconhecendo, Jérôme? Faz tanto tempo que não venho!

– A srta. Élisabeth tinha quatro anos. Foi com pesar que minha mulher e eu soubemos que não voltaria ao castelo... nem o senhor conde, por

causa do falecimento de sua pobre mulher. E, então, o senhor conde não pretende dar uma volta por aqui este ano?

– Não, Jérôme, não creio. Apesar de tantos anos terem se passado, meu pai ainda sente muita tristeza.

Jérôme pegou as sacolas e as colocou na caleche alugada em Corvigny e que mandou avançar. Quanto às bagagens maiores, devia levá-las na charrete da fazenda.

O tempo estava bom. Levantaram a capota da caleche.

Paul e sua mulher se acomodaram.

– O caminho não é muito longo... – disse o caseiro – quatro léguas... Mas é íngreme.

– O castelo está mais ou menos habitável? – perguntou Paul.

– Ora! Não é igual a um castelo habitado, mas, mesmo assim, o senhor vai ver. Fizemos o possível. Minha mulher está tão feliz que os patrões estejam chegando...! O senhor e a senhora vão encontrá-la ao pé da escada. Avisei-a que o senhor e a senhora chegariam por volta das seis e meia, sete horas...

– Um bom homem – disse Paul a Élisabeth, uma vez que se puseram a caminho –, mas não deve ter muita ocasião de falar. Está compensando...

A estrada subia em uma ladeira íngreme até a parte mais alta de Corvigny e constituía, no meio da cidade, entre a dupla fileira de lojas, monumentos públicos e hotéis, a principal artéria, congestionada naquele dia por inusitadas aglomerações. Voltava a descer em seguida e contornava os antigos bastiões de Vauban. Então, havia leves ondulações no meio da planície que dominavam, à direita e à esquerda, os dois fortes, do Pequeno e do Grande Jonas.

Foi seguindo essa sinuosa estrada, que serpeava entre plantações de aveia e trigo, sob a sombreada abóbada formada acima dela por um alinhamento de álamos, que Paul Delroze voltou àquele episódio de sua infância que prometera narrar a Élisabeth.

– Como eu lhe disse, Élisabeth, o episódio se relaciona a um terrível drama, e tão estreitamente que só podia formar um acontecimento único

em minha lembrança. Falou-se muito na época desse drama, do qual seu pai, que era amigo do meu, como sabe, tomou conhecimento pelos jornais. Se não lhe contou nada, foi a pedido meu, e porque eu queria ser o primeiro a lhe contar esses eventos... tão dolorosos para mim.

Juntou as mãos. Sabia que cada uma de suas frases seria recebida com fervor, e, após um silêncio, continuou:

– Meu pai era um desses homens que desperta a simpatia, afeto até, de todos aqueles que se aproximam dele. Entusiasta, generoso, repleto de sedução e de bom humor, exaltando-se por todas as belas causas e por todos os belos espetáculos, ele amava a vida e desfrutava dela com alguma ansiedade.

“Em 1870², alistado voluntário, ganhou nos campos de batalha sua divisa de tenente, e a existência heroica do soldado convinha tão bem à sua natureza, que se alistou uma segunda vez para combater em Tonquim³ e uma terceira, para ir à conquista de Madagascar.

“Foi ao regressar dessa campanha, da qual voltou capitão e oficial da Legião de Honra, que se casou. Seis anos depois, ficou viúvo.

“Quando minha mãe morreu, eu tinha apenas quatro anos, e meu pai me manifestou um carinho ainda mais vivo porque a morte de sua mulher o atingira cruelmente. Fez questão de começar ele mesmo minha educação. Do ponto de vista físico, dedicava-se a me treinar em exercícios e me transformar em um rapaz robusto e corajoso. No verão, íamos para a beira-mar; no inverno, ficávamos nas montanhas da Savoia, na neve e no gelo. Eu o amava de todo o meu coração. Ainda hoje, não posso pensar nele sem real emoção.

“Com onze anos, acompanhei-o em uma viagem pela França, que ele adiarda por anos porque queria que eu a fizesse com ele, e somente na idade em que eu pudesse entender todo o seu significado. Era uma

² Referência à Guerra Franco-Prussiana, travada em 1870-71 e vencida pela Prússia, aliada aos outros Estados alemães. (N.T.)

³ Reino da antiga Indochina Francesa, hoje parte integrante do Vietnã. (N.T.)

peregrinação pelos próprios lugares e estradas em que lutara durante aquele terrível ano.

“Esses dias, que deviam acabar pela mais terrível catástrofe, deixaram-me profundas impressões. À beira do rio Loire, nas planícies da Champagne, nos maciços dos Vosges e, sobretudo, no meio das aldeias da Alsácia⁴, quantas lágrimas derramei ao ver correr as suas! Palpiti de singela esperança ao ouvir suas palavras de esperança!

“– Paul – dizia-me ele –, não duvido que um dia ou outro você não se depare com o mesmo inimigo que combati. Desde agora, e apesar de todas as belas frases de conciliação que você possa ouvir, odeie esse inimigo com todo o seu ódio. Não importa o que digam, é um bárbaro, um bruto orgulhoso, um sanguinário e um predador. Esmagou-nos uma primeira vez, não descansará até que nos esmague de novo, e definitivamente. Naquele dia, Paul, lembre cada uma das etapas que percorremos juntos. Tenho certeza de que aquelas que for seguir serão etapas vitoriosas. Mas não esqueça um único instante os nomes destas, Paul, e que sua alegria de triunfar nunca apague esses nomes de dor e humilhação que são: Froeschwiller, Mars-la-Tour, Saint-Privat, e tantos outros! Não esqueça, Paul...

“Então, sorria.

“– Mas por que me preocupar? Fora ele mesmo que se encarregara de despertar ódio no coração de quem esqueceu e de quem não viu. Será que ele pode mudar? Você verá, Paul, você verá. Tudo o que posso lhe dizer não se compara à terrível realidade. São monstros.”

Paul Delroze se calara. Sua mulher lhe perguntou, com voz um pouco tímida:

– Você acha que seu pai estava totalmente certo?

– Meu pai talvez tenha sido influenciado por lembranças muito recentes. Viajei muito pela Alemanha, até passei lá umas estadias, e creio que

⁴ A Alsácia e a Lorena são duas regiões da França, na fronteira com a Alemanha. Sempre foram alvo de disputa entre os dois países, e mudaram de mãos, desde a Guerra Franco-Prussiana até as duas guerras mundiais. (N.T.)

o estado de espírito não seja o mesmo. E também confesso que, às vezes, tenho certa dificuldade em entender as palavras de meu pai... Contudo... contudo, elas me perturbam com frequência. Ademais, o que ocorreu depois é tão estranho.

A caleche diminuía a velocidade. A estrada subia suavemente em direção às colinas que dominam o vale do Liseron. O Sol se inclinava do lado de Corvigny. Uma diligência cruzou-os, carregada de malas, e então dois automóveis em que se amontoavam passageiros e pacotes. Um destacamento a cavalo galopava pelos campos.

– Vamos andar – disse Paul Delroze.

Seguiram a caleche a pé, e Paul continuou:

– O que me resta lhe dizer, Élisabeth, surge na minha memória com detalhes muito precisos, que de certo modo emergem de uma espessa bruma em que não distingo nada. Apenas posso afirmar que, uma vez encerrada essa parte da viagem, deveríamos ir de Estrasburgo para a Floresta Negra. Por que nosso itinerário foi mudado? Não sei. Eu me vejo uma manhã na estação ferroviária de Estrasburgo e subindo em um trem que se dirigia para o maciço dos Vosges... sim, para os Vosges. Meu pai lia e relia uma carta que acabara de receber e que parecia lhe dar prazer. Teria essa carta modificado nossos projetos? Também não sei. Almoçamos no meio do caminho. Fazia um calor como o que precede uma tempestade e adormeci, de modo que me lembro somente da praça principal de uma cidadezinha alemã em que alugamos duas bicicletas, após deixarmos nossas malas no guarda-volumes... E então, como tudo isso é confuso! Rodamos por meio de uma área da qual não me resta nenhuma impressão. Em determinado momento, meu pai me disse:

– Veja, Paul, estamos passando a fronteira... Estamos na França...

“E mais tarde... quanto tempo depois...? Ele parou para perguntar o caminho a um camponês, que lhe indicou um atalho no meio dos bosques. Mas que caminho? E que atalho? Na minha mente, é uma escuridão impenetrável em que meus pensamentos estão como que aterrados.